

Arbex, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013, 255 p.

ISBN 978-85-8130-157-0

## **Histórias da Loucura Mineira**

Irma Neves Tallmann Saar 1

É sob o viés da reportagem investigativa que Daniela Arbex, jornalista juizforana premiada nacional e internacionalmente, retoma a História e as histórias do Colônia, hospital psiquiátrico de Barbacena, Minas Gerais. A autora de inúmeras reportagens publicadas no Tribuna de Minas, jornal do município de Juiz de Fora, apresenta “Holocausto Brasileiro” fiel à sua linha de trabalho, como denúncia e inconformismo com situações deveras aviltantes e, infelizmente, respaldadas pela omissão social. Colocando em evidência o local que deveria cuidar da insanidade, denomina-o campo de concentração nazista, conforme sugere o título da obra, cuja semelhança se refere ao extermínio humano deliberado e inconsequente.

Fundado em 1903, com o objetivo de prestar assistência aos alienados mentais, o Colônia tornou-se referência nacional de isolamento humano, de cujos pavilhões poucos escaparam. Na maioria das vezes sem diagnóstico de doença mental e com “aprisionamento” decretado, as visitas médicas eram esporádicas, a farmacoterapia utilizada sem critérios e a eletroconvulsoterapia, uma prática recorrente.

Entre registros atuais e registros passados, revelam-se as histórias dos sobreviventes e dos não sobreviventes daquele hospício: da superlotação, do genocídio, da venda de corpos, das crianças internadas, das crianças ali nascidas e arrancadas de suas mães, de mães que nunca souberam do paradeiro dos filhos e filhos que nunca souberam de seus pais....

Embasada em depoimentos de pessoas que viveram a realidade do Colônia, a autora revela fatos ocorridos utilizando-se de fotografias e documentos. Paralelamente, caminha apontando os movimentos em prol da reforma psiquiátrica brasileira.

Nos quinze capítulos entremeados com imagens, depara-se com o horror de existências condenadas a condições degradantes de sobrevivência, um não-lugar desfigurado de pudor, inocência, fome, sede, onde a pele é a vestimenta, a inocência ultrajada, a fome insaciada com macarrão colado e banana podre e a sede com água de esgoto... buscavam sobreviver através do aconchego mútuo, da proximidade dos corpos e assim escapar à ronda diária da morte.

Nesse percurso, ouve-se a voz daqueles que não se conformaram: internos, funcionários, técnicos e visitantes ilustres. O fotógrafo Luiz Alfredo da revista “O Cruzeiro” e o cineasta Helvécio Ratton com o documentário “Em nome da razão” são atores importantes

1 Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Especialista em Psicanálise pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Professora da Graduação em Psicologia da Faculdade Machado Sobrinho, Psicóloga do Sistema Único de Saúde.

no olhar diferenciado lançado a esse descaso. E essas vozes ecoaram para além dos muros, repercutindo na formulação de políticas públicas direcionadas à saúde mental.

Dos sobreviventes, a autora resgata as possibilidades que direcionaram reencontros familiares, uniões, inserção em serviços residenciais terapêuticos, demonstrando que não é pela via da exclusão e sim da reinvenção de si próprio, que a vida acontece.

A leitura de Holocausto Brasileiro desnuda a omissão do Estado e da sociedade brasileira diante de tantos “Ignorado de tal” que morreram abandonados. Cabe-nos interromper a repetição destas e de outras histórias que degradam a condição humana.

A narrativa encadeia fatos, fotos, depoimentos, de forma singular, cujo conteúdo objetivo expõe-se de forma clara e de fácil entendimento. Mas são os aspectos subjetivos incrustados nas entrelinhas que nos assediam. O livro é indicado àqueles que querem conhecer parte de nossa história no que se refere ao tratamento dado à doença mental no Brasil.